

S. Lourenço da Ordem, nos suburbios de Braga.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 217

Braga, 25 de Agosto de 1917

Anno V

Capas para os colleccionadores da "Illustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria.

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 reis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 25 de Agosto de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 217—Anno V

NA MISSÃO PORTUGUEZA DE S. SALVADOR DO CONGO



A princesa do M'Banza M'Putu depois de apresentar os cumprimentos ao Rev. Vigario Capitular Dr. Manuel da Cunha, por occasião da sua visita às Missões do Congo.

(Clichés do missionario P. Francisco S. Candido)

Ao passo que vão educando os povos incultos e levantando-os da barba-rie ao estado de civilisa-ção christã, os missionarios trazem para o peculio scien-tifico da nossa Europa, in-signes documentos ethnicos. Tal é o trabalho, entre muitos outros que podiamos apontar, a que dão ensejo os documentos insertos nes-tas paginas, e que deve-mos á amabilidade do missionario Rev. P. Francisco Candido. E' tal a importancia dos trabalhos scien-tificos dos Missionarios, que existe uma revista universal, *Anthropus*, exclusivamente destinada a os reg-istar.

Nós habituamo nos a superfi-cialmente considera atrazado e in-ferior o preto: sem duvida que o é, e esse o grande merecimento dos abnegados apostolizadores, le-vantar ao convivio da civilisação esses povos infelizes. Todavia não



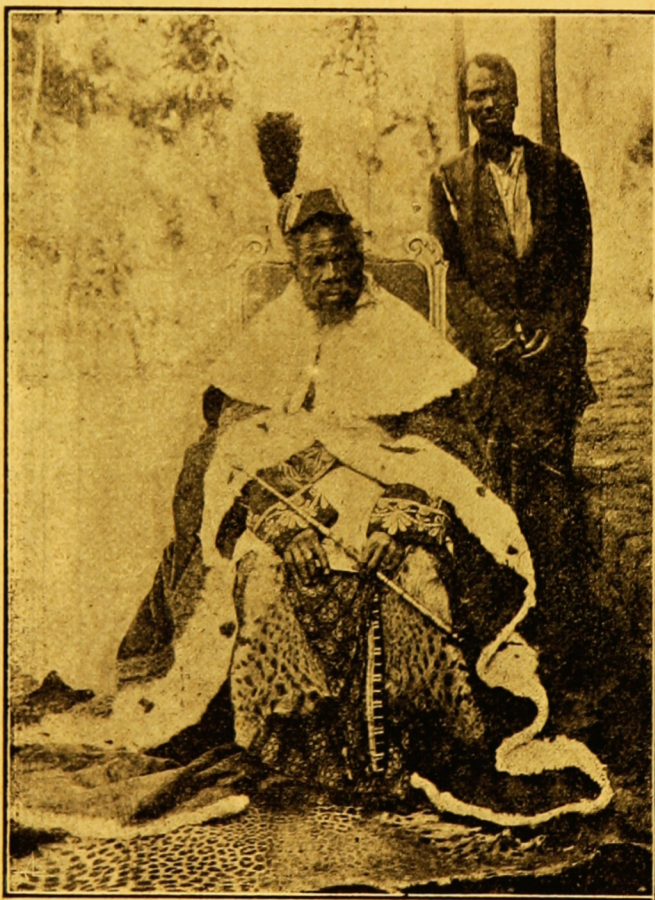
A princeza M'Banza M'Putu

deixam as tribus africanas de possuir, e grandemente melhorados pelo incessan-te trabalho das Missões, os seus rudimentos de ci-vilisação, de conceitos so-ciaes, inherentes ao homem, pois Deus não o creou sel-vagem, mas politico, como já Aristoteles reconhecia.

E' assim que os preti-nhos do Congo,—e quan-tos accessiveis a primores de virtude e delicadeza christã que deviam fazer corar sobas da metropole!—tambem ha a sua marcadissima e apergaminhada aristocracia. Ahi temos D. Al-varo Nezinga, monarcha congo-lez, cujos proavos já eram, ha quatro seculos, alliados e tribu-tarios dos portuguezes; Ahi se vêem Kianga e Kôngolo que, so-bre serem aristocratas entre os pretos, são bons christãos e co-mo taes herdeiros de mais alto throno—*regnantes cum Christo*—e ahi temos tambem uma legi-tima princeza, a do M'Banza, egualmente chris-tã. Todos estes, e seus povos, não aprendem nas missões tão só a amar a Deus, e a seguir as suas leis; aprendem, porque lh'o ensinam os Missionarios, a amar a Patria, e obedecer aos seus governos. Mas a metropole que de- via ser cidade mãe, entende de muito alta con-veniencia desprezar e dificultar a acção da Igreja, mal gastando em munições o centuplo do que necessitaria uma sabia occupação mis-sionaria. São processos novos de... civilizar o preto.

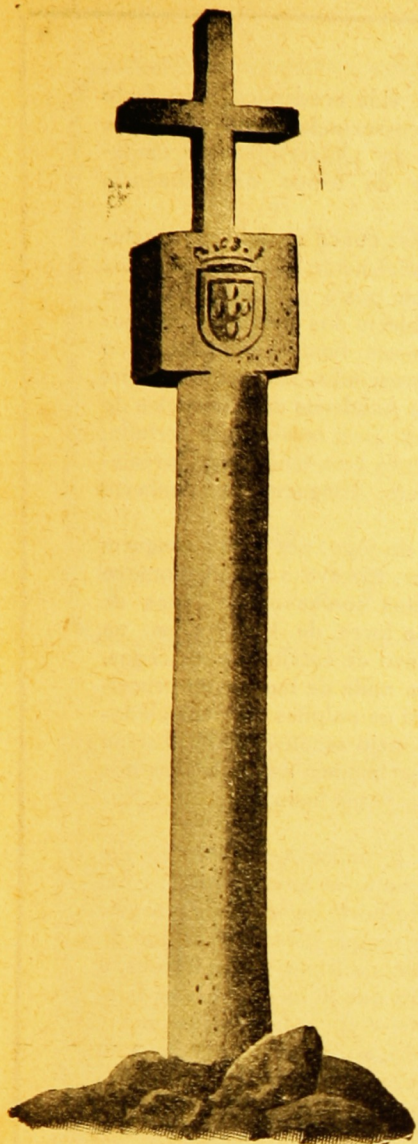
Desajudadas, porem, do favor do Estado, as missões catholicas, continuam a sua activi-dade civilizadora, beneficiando esse mesmo Es-tador que os desconhece ou persegue! E os do-cumentos graphicos com que temos já illustra-do estas paginas, e outros que de futuro as illustrarão, demonstram esta verdade. E tornan-do ás nossas photographias de hoje, diremos que são exemplares da aristocracia africana, muito vivos e nitidos. E' relativo, segundo os povos, o timbre aristocratico, e em nossa ethnica portuguesa, de si, fundamentalmente delicada. a aristocracia marca por um aspecto de finura o caracter atavico das familias brazonadas. Na Africa devem passar-se as coisas de diferente modo: é possivel que a princeza tenha aos

olhos de algum preto meio-poeta o translucido aspecto de uma castellã medieval!



O soba D. Alvaro Nezinga, actual monarcha do Congo

J. Ribeiro Coelho.



Padrão erigido por Diogo Cão na viagem em que descobriu o Congo.



Dais sobas adeptos da Missão:—Kianga e Kôngolo

VIDA INZENSA

POR ARTHUR BIVAR

Got it!

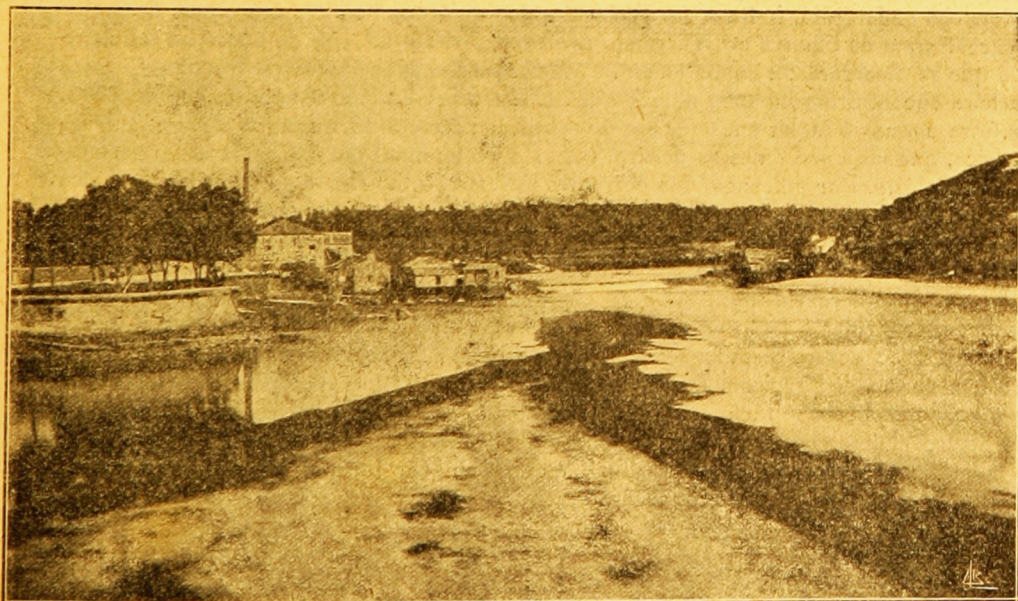


velho professor universitario entrou na roleta, deitou fora a ponta do charuto, sentou-se, cumprimentou o banqueiro, trocou uma nota de vinte e cinco tostões em nicéis, e começou a jogar. Ninguém lhe conhecia outro fraco.

Era o decano da Universidade. Não encanecera versando livros com mão nocturna e diurna, no dizer do classico porque os cabellos haviam partilhado a incorruptível integridade do seu caracter:

preferiram cair a mudar de côr. O envolucro d'aquella frágua de ideas, que era a cabeça do venerando megister, reverberava aos raios obliquos do lustre central da tavolagem como ovo enorme de avestruz. Tinha 74 annos e havia 52 que jogava ininterruptamente, das dez á meia noite, de verão nas praias, de inverno no Gremio do velho burgo sacro a Minerva. Ninguém lhe conhecia outro fraco.

Espirito forte, como se agora diz, o seu ensino caracterizav-se por uma extraordinaria e constante congruencia da sua orientação scientifica e philosophica em todos



Um poetico trecho do Rio Ave

os ramos de saber que a sua poderosa intelligencia abarcara. Em cincoenta annos de vida academica, raro factu novo, ou estudado com mais attenção, obrigara o velho sabio a modificar algum lanço secundario na estrutura maravilhosa das suas theorias. Porisso, o respeito de que o rodeavam nos claustros da Universidade, acompanhava-o de geração em geração, ahi e por toda a parte, até quando o austero Nestor do tempo da Sabedoria abancava em volta do tapete verde. Ninguem lhe conhecia outro fraco.

Não era religioso. Absorvido desde muito novo no estudo das sciencias naturaes, nunca se detivera a estudar o sobrenatural. O seu ensino, embora moderado e respeitoso, excluia systematicamente a investigação das causas ultimas. As leis que regem os phenomenos do universo eram mais que sufficiente pasto para sua insaciada avidéz de saber. Quanto ás origens do proprio universo e das leis que constituíam o objecto dos seus estudos, contentavase com manifestar sympathia pelos pensadores que nas hypotheses theistas procuram fundar solidamente o systema de moral, accessivel a todas as intelligencias, de que a sociedade não pode prescindir. Isto como homem; como sabio, tinha a nobre franqueza de repetir o famoso *Ignoramus* do secretario da Academia das Sciencias de Berlim... No fundo, seduzia-o aquella theoria «scientifica» das origens do Cosmos, pela combinação fortuita, entre trilliões d'ellas, dos elementos que turbilhonavam na nebulosa inicial. E procurava com tenacidade invencivel a confirmação dessa preferencia no revoluteio caprichoso da bolinha da roleta. Ninguem lhe conhecia outro fraco.

E era tanto mais estranhavel aquelle afêrro á idea fixa que o chumbava á mesa do jôgo, por nunca ninguem lhe ter visto variar a parada. Havia 52 annos que entrava á mesma hora, sentava-se, trocava a nota, e pontava invariavelmente, até ao fim da noite, um tostão só, e sempre no 22. Os outros pontos coalhavam ás vezes de moedas os taboleiros da roleta. Aqui era um castellino de tostões, inclinado como a torre de Pisa; além, na terceira duzia, um numero cercado de moedas reluzentes, lembrava uma letra em relevo de escritura para cegos. Pela segunda duzia alvejavam esparços alguns nickeis, como estrellas raras em noite de luar; e na primeira havia constellações brilhantes, quando ao fim da decima néga convergiam para ahi os palpites dos calculadores e os ultimos recursos das martingaes. Esta disposição variara infinitas vezes em meio seculo; sumiram-se no sorvedoiro da roleta fortunas colossaes; gerações de pontos e banqueiros sumiram-se tambem nas voragens dos cemiterios; mas nunca ninguem viu o inflexivel professor, em 52 annos, deixar o 22 ou parar mais do que um tostão, até o numero sair. Ninguem lhe conhecia outro fraco.

N'aquelle longo transcurso de tempo algumas commoções fortes agitaram o impassivel jogador. Em 1870, quando estalou a guerra franco-prussiana, sahiu tres vezes na mesma noite o fatidico 22... Em 1881, no Centenario de Camões, sahiu o 22 cinco vezes. Ha dias, n'um casino do norte, repetiu-se a seguir o 22... N'essa noite a calva alvinitente do septuagenario tomou pela congestão do sangue o tom esmaecido de um queijo flamengo. Porque o velho lente, quando o numero saía, deixava sobre elle os trinta e seis tostões, e então, enquanto a proxima bolada pairava sobre o circulo fatal, cerrava os olhos para que lh'os não vissem faiscar, regulava com um esforço a respiração que a tragica expectativa tornava offegante, e aguardava a voz imperfurbavel do banqueiro... E só uma vez, uma só, ha poucos dias, o numero predilecto, ao fim de 52 annos, saiu duas vezes seguidas... O banqueiro contou-lhe 129\$800, que o velho professor, solemne, firme e pallido como estatua de marmore de Carrara trocou em fichas e deixou integralmente no tragico numero 22, que elle perseguira meio seculo! Ninguem lhe conhecia outro fraco.

Intervieram os amigos. Não havia limite de parada. O professor era livre. Notaram-lhe que a somma era enorme e loucura esperar que o numero saísse tres vezes seguidas. Espraíaram se em largos calculos de probabilidades. O banqueiro, condescendente, esperava... Tudo foi inutil... Rodou a bola; o velho professor fincava os cotovellos na mesa para occultar o tremor que lhe sacudia os membros, cerrou os olhos, conteve a respiração; houve um silencio tragico; a bolinha foi estreitando a espiral, bateu no primeiro obstaculo, saltitou de um para outro sector e foi parar indecisa, entre o 22 e outro numero... E girou, girou, girou, esperando que naquella lucta entre a força da gravidade e a força centrifuga, esta que viera do homem, succumbisse áquella, que vem da natureza... A voz estrangulada, cava, apenas audível, do banqueiro, articulou mais uma vez: 22... E de um e outro lado saíram as notas para pagar ao velho professor 4:665\$600, que elle, trocados em fichas, collocou em torre no 22... Ninguem lhe conhecia outro fraco.

Os banqueiros trocaram um intraduzivel sorriso. Os amigos do professor instaram, supplicaram, imploraram, quasi recorreram á violencia... Um dos banqueiros interveiu pugnando pela liberdade do jogador... O outro, que era hespanhol, exclamou impaciente: *¡Juego!* E a bolinha, com um impulso desesperado, restrugiu na prisão de madeira, foi moderando o andamento, bateu n'um obstaculo, deu quatro saltos bruscos e caiu de chofre no 0... Quando os pontos concentraram os olhares no venerando professor, viram-no cair de bôrco no taboleiro da roleta. Morreu no potro a que se amarrara 52 annos antes... Ninguem lhe conhecia outro fraco.

Entre os papeis da carteira encontraram-lhe uma nota, em papel amarellecido pelo tempo, datada de 1866. N'aquelle anno, dizia a nota, fôra um navio inglez encarregado de repescar no meio do Atlantico o cabo submarino, entre a Europa e a America, que um anno antes se partira. Na estação terminal de Valencia estava continuamente ao apparelho um telegraphista. Por influencia das correntes terrestres a agulha agitava-se como louca no quadrante alphabetico, sem que uma unica vez a combinação das letras indicadas formasse uma palavra. Até que um dia a sucessão das letras e o intervallo formaram a expressão ingleza: *«Got it: apanhámo lo!»* O Telegraphista não duvidou: a mil kilometros d'ali a fатеixa repescara o cabo. Entre cem milhões de anglo-americanos que no dia seguinte leram a noticia, ninguem duvidou, ninguem esperou para crêr, que o navio voltasse, guiando o cabo, a confirmar o factu na estação terminal. A ninguem passava pela cabeça que a acção cega das correntes terrestres, ao acaso, dispuzesse aquellas letras, por aquella ordem, repetindo uma, separando-as d'aquella forma, e formando precisamente a expressão que todos esperavam com anciedade. Só uma intelligencia mandando a bordo explicava o factu... E ninguem duvidou. O velho professor procurou durante meio seculo confirmar, no revoluteio caprichoso da bolinha, a sua theoria predilecta, que explicava as innumeradas, complicadas e harmoniosissimas leis do Universo por uma combinação fortuita, entre trilliões d'ellas, dispensando a intelligencia do Creador. Ninguem lhe conhecêra outro fraco!

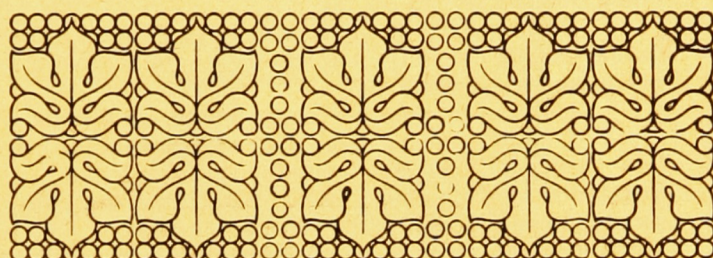
Missas Novas



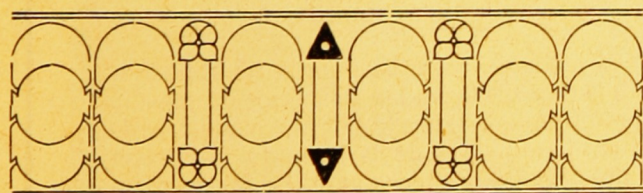
ESMORIZ—Convidados que assistiram á missa nova do R. P. Rogerio Garcia de Brito, cantada no dia 29 de Julho.



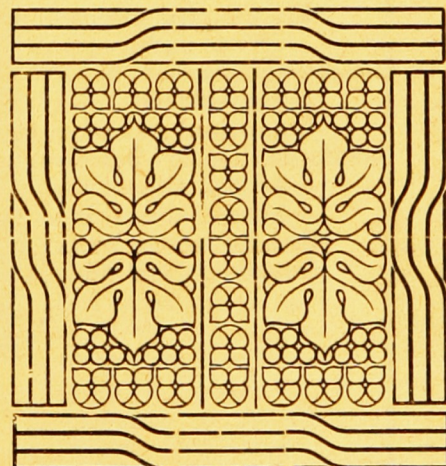
O Rev. P. Rogerio com sua familia



GUIZANDE — O Rev. P. Joaquim d'Oliveira Pinto, que cantou missa nova no dia 5 de agosto. Grupo tirado com sua familia depois do piedoso acto.



O Rev. P. Oliveira Pinto e convidados.



CHRONICA DA SEMANA

A realidade n'um relampago



VOZES das thermas e das praias cantam a afluencia desusada que este anno tiveram os centros de veraneio. O hespanhol, iscado pela baixa do centavo desceu á patria lusa onde tudo lhe fica por metade do preço. Ha dias um na *gare* de S. Bento a caminho das Pedras, ao receber em trôco uma cedula de 5 tostões, mirou-a de soslaio desdenhoso, e virando-se para os circunstantes, inquiria com empenho:

—*Miren ustedes. que val esto?*...

—*Quiete se usted, que no hay mas!* gritou-lhe a rir um portuguez que lá no fim de todos pacientemente tambem *faisait la queue*. E o hespanhol lá seguiu, enfiando papeis para o bolso das calças, resmungando muitissimo menos do que eu quando os srs. revisores me dão cabo da prosa n'estas *chronicas*. . . algo *chronicas*, não é assim, leitor amigo?

Hontem um outro escrevia me d'uma estancia thermal do Douro. «Luxo desaforado. Não ha logares. Preço de quartos nos hotéis: minimo 3 escudos, máximo 20.000 reis, de diaria!» Isto em estylo telegraphico tem sua contundencia efficaz para refreamento de tentações de villegiatura; e já recommendei que me descreva sempre assim, a vida á lufa-lufa que decorre pelas *estancias do prazer*... de gastar dinheiro á doida.

Dinheiro! Ainda no domingo, na Trofa, uma pobre mulhersinha, que sobraçava difficulosamente uma trouxa de roupa, unica mala que levava á Povoá para curar o reumathico, dizia ella, a pobre camponesa, exclamava:

—Dinheiro! eu é que o não tenho, qu'ó mais, olhe o senhor p'ráli pr'a romaria!

E apontava o grosso indicador desnocádo para o arraial aonde me dirigia. depois de uma hora de carro, a bater por estradas pulverulentas, varridas de sol do antigo meio dia entre ranchadas, cantando e dançando, velhos e rapazes, moças rezambolando os quadris, no rythmo das marchas, marcado nos volteios pelo estalido dos dèdos, pelo zangarreio das violas ou pelo som dos pandeiros e fèrrinhos. De facto o arraial áquellas horas, sob o acicate da soalheira, do pó, e do verdasco—*Bom binho do Tarraicho de Santo Tirso!* Berrava um lettreiro —andava n'um rodopio. A musica da Povoá acabára de bufar uns numeros de revista, ao povinho apinhado em volta do corêto que no final aplaudia com estrépito. Logo do outro extremo do largo rompia osares uma marcha da banda da Maia, já bem bebida, que a passo certo, atravez da mó de povo se dirigia ao outro palanque a repostar á rival povoense, com uma miscellanea de coisas retumbantes! A cada passo, a sombra e á canicula, as danças sirandavam,—*meia volta! e outra meia!*—n'uns pulos curiosissimos de notar pela cadencia.

Nédios lavradores passávam guiando as consortes não menos enlacradas e opulentas de carnes e cordões de ouro. Outros abeiravam-se dos toldes onde em malgas o vinho baratissimo corria para as gorjas mordidas de secura, e as rôscas passavam, em largas trincadellas, a fazer pézo nos estomagos obesos.

Em frente á igreja da Senhora das Dôres—que alegria a d'aquella gente toda!—era o arruamento dos tascos e dos doceiros de Villa Nova, atulhados de povo. Pouca paragem era permittida por allí, tanto mais que o asco dos suores, misturado á poeira e ao cheiro do vinho, expulsava as pituitarias menos acostumadas a taes adubos.

Fui sentar-me um pouco n'um banco collocado junto á porta do posto da guarda republicana. Começaram a chegar, d'aqui d'alem, os desordeiros, agora dois rapazes travados por amôr da mesma namorada, depois um homenzarrão desempenado, mas toldado, que era acusado por um vendeiro de lhe derrubar um olho com uma infusa das pesadas. O homem barafustava declarando que a terrivel arma *viera pelo ar*, nunca arreressáda por elle, que não precisava de canécas para lhe ir p'ra'cara, ora ouviu? Veio para a rua. Apareceu a irmã d'um dos moços engalfinhados a pedir ao sargento da guarda, um corpo de valentão sustendo uma cara de pandego, que lhe livrasse o irmão. O sargento olhou-lhe para as faces bonitas e para o corpo airoso, poz a manápola no hombro, e respondeu, piscando um dos olhos:

—Ora vá lá, o rapaz sáe, mas é só por seu respeito. . . E quero vêr como me paga amanhã!

—O diábho do home! volveu a rapariga entre zangada e risonha.

Era um sargento na altura, não haja duvida!

. . . N'isto ouviu-se o silvo de um comboyo. A linha férrea córre ao pé do arraial, n'uma ladeira. Desceu aquella onda de povo e eu fui com ella.

—São soldados!

Eram duas baterias, de Vianna, para a França. Como por encanto aquella gente teve um momento de silencio! Depois os soldados e officiaes assomáram ás janellas agitando os bonés:

—Adeus! Adeus! Vamos para a guerra! Vamos para a França!

—Adeus! Adeus! Deus vos guie! diziam todos, chapeus e lenços no ar.

Que impressão senti eu, naquelle instante, de tristeza, de revolta, e de terror? Não sei dizêl'a. Quando dei em mim, já o povo voltára a cantar, a dançar, a esquecer!

F. V.

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÁ

XXVIII Critica—(Desenho e perspectiva).

ENTRE os problemas da *forma*, que o artista tem de resolver, occupam o primeiro logar o desenho e a perspectiva. Iremos pois expendendo algumas noções geraes que todo o estudioso deve conhecer, para poder apreciar devidamente uma obra de arte.

O desenho, ou melhor a correcção do desenho, é para a arte o que nas letras é a correcção grammatical. E assim como ha litteratos pretensos que não conhecem capazmente a grammatica, assim houve e ha artistas que peccam contra as regras do desenho. Mais: se attendermos á evolução, por exemplo, das linguas neo-latinas veremos que ao progresso e correcção da lingua corresponda um desenvolvimento paralelo da arte nacional; os primitivos da arte correspondem aos primeiros classicos que fizeram a lingua, Giotto e Dante foram contemporaneos. Precisa, portanto, o critico da arte, de ter algumas ideias claras sobre as leis da perspectiva, escôrço, proporções, anatomia do nu, pannejamento etc.

A perspectiva é dupla: *linear* e *aerea*. Ambas nascem da natureza dos nossos orgãos de visão. Com effeito, a conformação d'estes é tal que os objectos vão diminuindo em altura e volume apparente á medida que se afastam do observador; além d'isto todas as linhas parallelas ao raio visual convergem para um ponto do horisonte, a que se dirigem os nossos olhos, situado á altura dos mesmos—é o *ponto de vista*.

Outro phenomeno concomitante nasce da influencia do meio, das refrangencias das camadas de ar interpostas: os contornos tornam-se indecisos, as côres degradam-se, as formas e os angulos fazem-se mais esbatidos, o brilho diminue, á medida que augmenta a camada de ar interposta. Ora o pintor precisa de conhecer e estudar ambos estes phenomenos e as leis que os dirigem, para poder reproduzir no quadro os effeitos da distancia.

• Tres linhas fundamentaes, diz Grossi Gondi, são os elementos da perspectiva: a linha *de terra*, que é a base



Pregação de Santo Antonio aos peixes—Veronese
(Roma—Galeria Borghese)



Milagre de S. Marcos—Tintoretto
(Academia de Veneza)

do quadro, a do *horisonte* que corresponde á altura dos olhos do observador e determina a parte superior e inferior dos objectos observados, e a *perpendicular* que divide o quadro em duas partes eguaes, cortando as outras duas em angulo recto, e determina o aspecto que tomam os lados dos objectos observados.

Os pontos são: a) o *ponto de vista* directamente opposto aos olhos do observador, sempre situado no horisonte; portanto a altura da linha do horisonte e do ponto de vista dependem exclusivamente da altura em que está o observador ou seja do *ponto de estação*. b) o *ponto* ou os *pontos de fuga* onde conver-

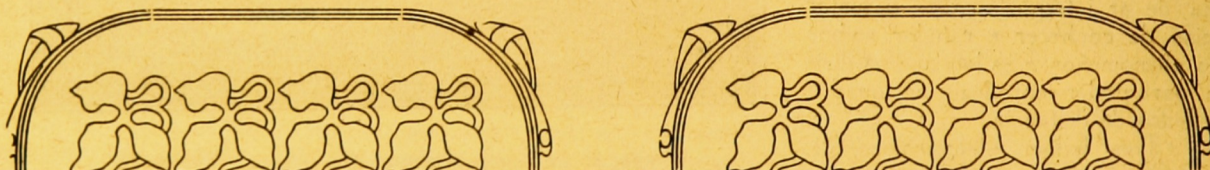
gem todas as linhas que encerram um objecto, e que podem estar acima ou abaixo da linha do horizonte. c) o *ponto de distancia* que marca a distancia do observador do plano do quadro; d'elle depende a diminuição apparente das dimensões do objecto e o esbatimento das côres..

O critico de arte deve examinar se os diversos pontos estão escolhidos de maneira que se adaptem ás exigencias do assumpto. Nos assumptos serios, o ponto de vista fica muito bem no centro do quadro. Raphael quasi sempre o collocava. Costuma-se dizer que a linha do horizonte não deve passar da metade do quadro. Ha porém assumptos, que pela multiplicidade dos personagens exigem que lhe ultrapasse este limite, senão não haveria logar para as diversas figuras. O ponto de distancia, diz Leonardo Vinci deve estar a uma distancia dupla ou tripla da altura do quadro. Quando se trata de pintar o interior d'uma casa, costumam os pintores imaginar que uma das paredes foi abatida, para assim poderem escolher um ponto de distancia que abarque todo o recinto. Nos retratos, procura-se que os olhos das que estão em pé estejam á altura dos de quem observa; se todas as figuras estivessem sentados, então será melhor escolher a altura dos olhos d'essas pessoas; assim terá o observador a impressão de fazer parte do grupo. *Escôrço* é a redução de dimensões que soffrem os objectos quando pintados em perspectiva.

No quadro do milagre de S. Marcos de Tintoretto temos um notavel exemplo do escôrço, tanto na figura do Santo, que apparece no alto, como na do miraculado que jaz no pavimento.

Na perspectiva, como em poesia, ha um certo numero de licenças permittidas ao artista. Assim por exemplo Veronese no celebre quadro da Pregação aos peixes, deu a Santo Antonio dimensões muito maiores que as que exigiria a perspectiva; precisou de lançar mão d'este recurso para dar á figura mais importante da scena o logar e tamanho que lhe competia.

AGNUS.



Ao bandolim do coração

III

PRESAGIO TRISTE

Vi-te á janella, tão triste !...
Qual uma tarde outonal,
Olhaste-me e não sorriste,
E o teu olhar fez-me mal.

Fui para casa ; escondido,
Por longo tempo chorei,
Tão soturno e confrangido
Como nunca me encontrei.

Um cruel presentimento
(Queira Deus que seja vão !)
Enturva-me o pensamento,
Não me deixa o coração.

Vejo ou sonho que a desgraça
Estende a mão para nós,
Em terrivel ameaça,
N'um gesto de furia atroz,

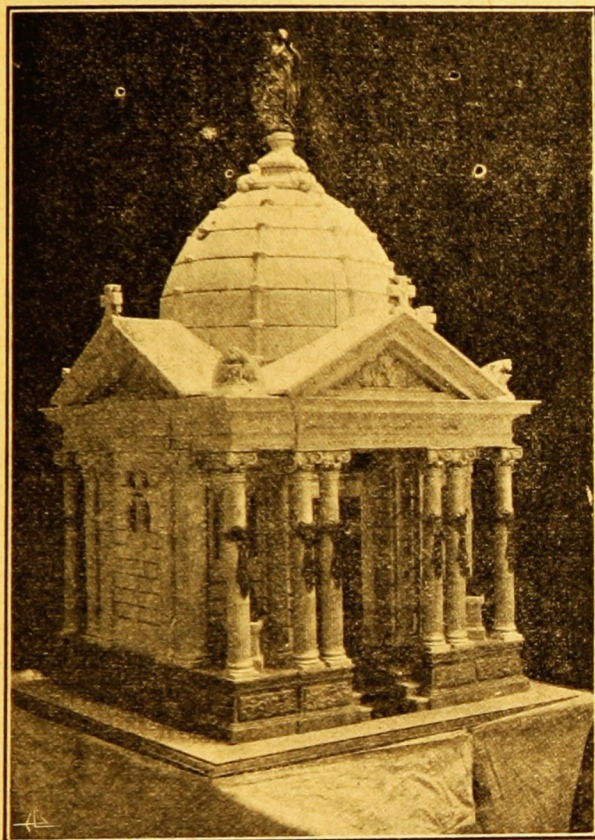
Como ha-de ser (quem no sabe ?)
O amanhã do nosso amor ?
Não ha bem que não se acabe,
E em tudo no fim ha dôr.

E por caminho escabroso
Quasi certo é o resvalar,
Quando o abysmo insidioso,
Ao fundo, nos quer tragar !...

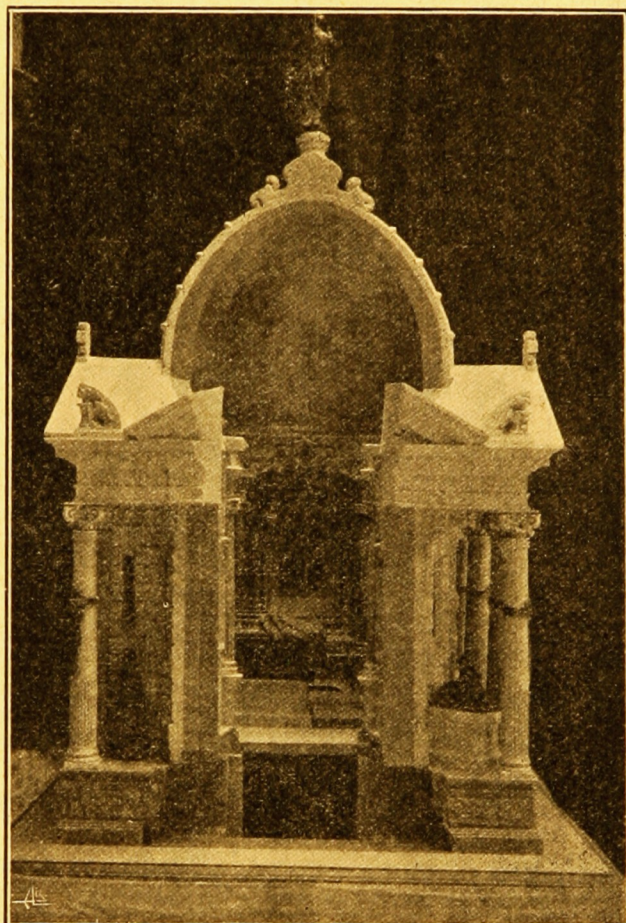
Julho de 1917.

Joavelino.

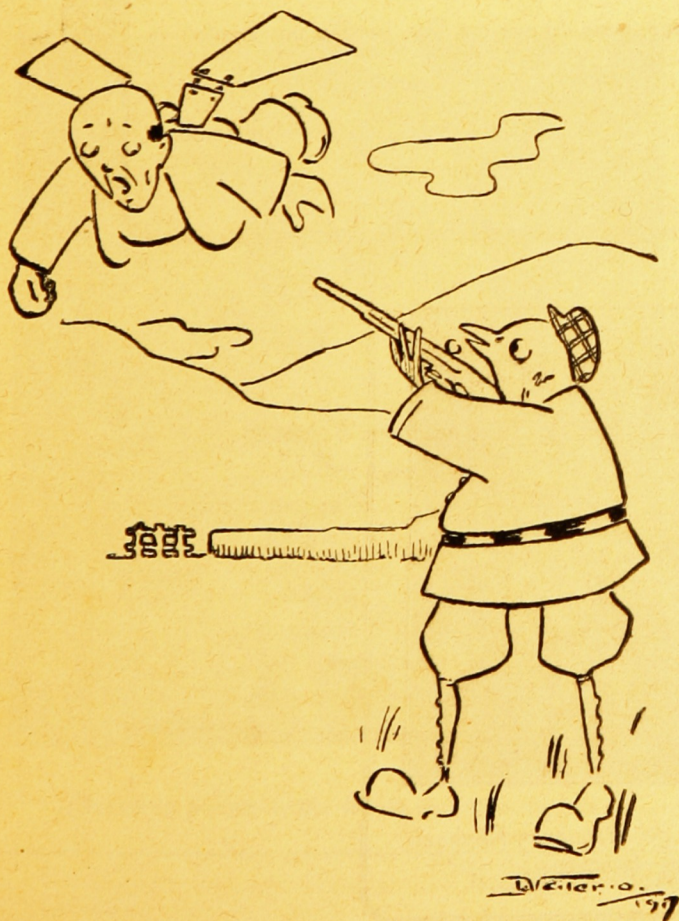
Mausoleu da Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna de Figueiredo Moura no Alto de S. João em Lisboa.—Projecto do architecto Rosendo Carneiro.—Maquette e Photographias de Viriato Silva.



Perspectiva



Um corte



SCENAS FUTURAS

A CAÇA

Por J. VALERIO.

O SANTO

A José de Faria Machado.

Soffrem, choram as almas, como out'rorã,
Antes de Christo vir á terra impura...
Qual o crente, o poeta, que não chora?

Não abriam tão funda sepultura
Ao Amor e á Justiça, e tão de chofre,
Que mesmo a infancia é já descrente e dura?

Querã ha que não mendigue, implore, um cofre,
Da enternecida caridade mágica
Que enche de beijos todo o bom que soffre?

Caro Amigo, uma horda anthropophagica
Assola, mata, infama, pulverisa,
A dôr mais lancinante, a dôr mais tragica.

Não ouve casquinadas? São da brisa...
Até essa, a lendaria carpideira,
Renegou da piedade que angeliza.

A propria flor oscilla zombeteira...
O proprio aroma é um toxico, um embuste:
A propria ave canta, e é carniceira.

Se ha alguẽm a quem a vida nada custe,
E' quem se ri da Dor — a Eterna Fonte—
Do sonho dôce, amargamente fruste.

E' quem faz uma escada, ou uma ponte,
Da agonia que roga a paz e a crença,
Enchendo d'alma os echos do horisonte,

Comtudo, eu oiço aqui a magua immensa
De quem o vê soffrer; escuto prantos
Que chegã a ter dom de recompensa.

Meu Deus! ainda ha lágrimas! ha tantos
Que indã podem chorar na terra avara
Elegias convulsas como espantos.

Vozes que gritã com angustia rara!
Quẽ fez, como um relampago, o milagre?
Quẽ fez, da rocha, a espuma do Niagara?

Montes tão calvos, que só dão sumagre,
E parecem florestas soluçantes?!
Corre o hydromel da faça do vinagre?!

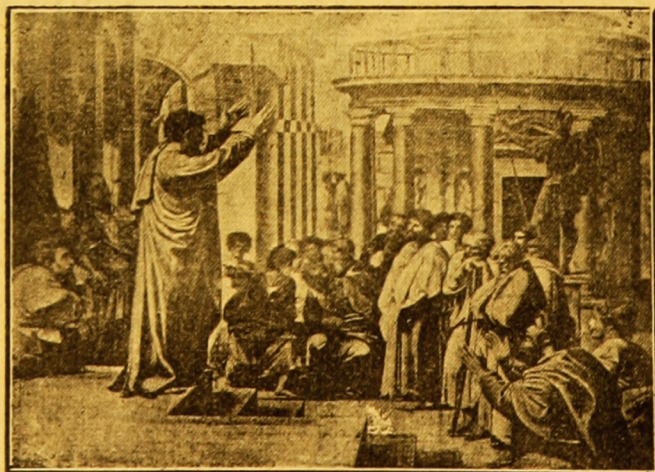
Voltaremos aos dôces tempos d'antes,
Tempos das catacumbas, lindas eras,
Em que choravam alto os mais gigantes,

E só nas brenhas se encontravam feras?
Meu caro Amigo, a dor que em si palpita
Decerto commoveu almas sinceras,

Pois, muda, diz bem mais que a dor que gritã...
Mas, se em volta de si padecem tanto,
Pungido o olhar, de cal a bõcca afflicta,

E' que, mais do que um Pai, perdeu um Santo!

José Agostinho.



*S. Paulo pregando no Areopago de Athenas.—Raphael
(Museu S. Kensington—Londres)*

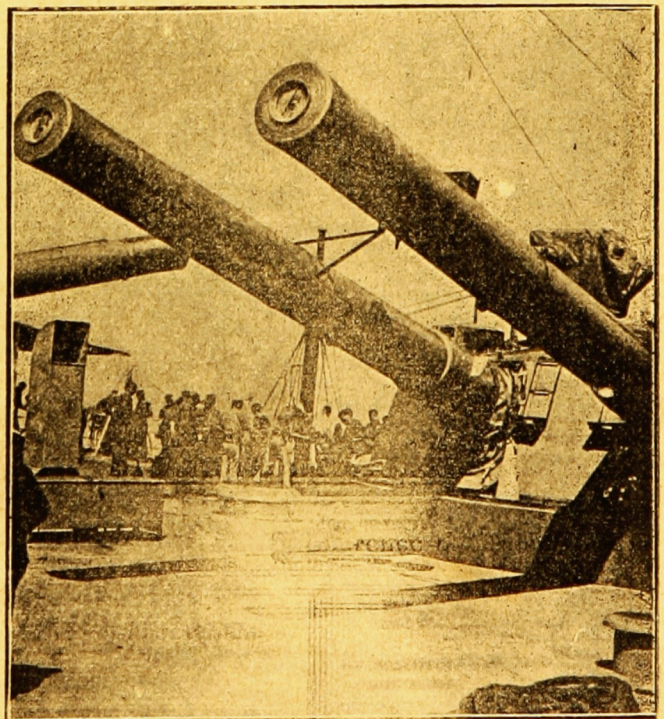
Guerra Europeia



Soldados de primeira linha, preparando-se para um assalto



Primeiros socorros a um ferido na linha inglesa



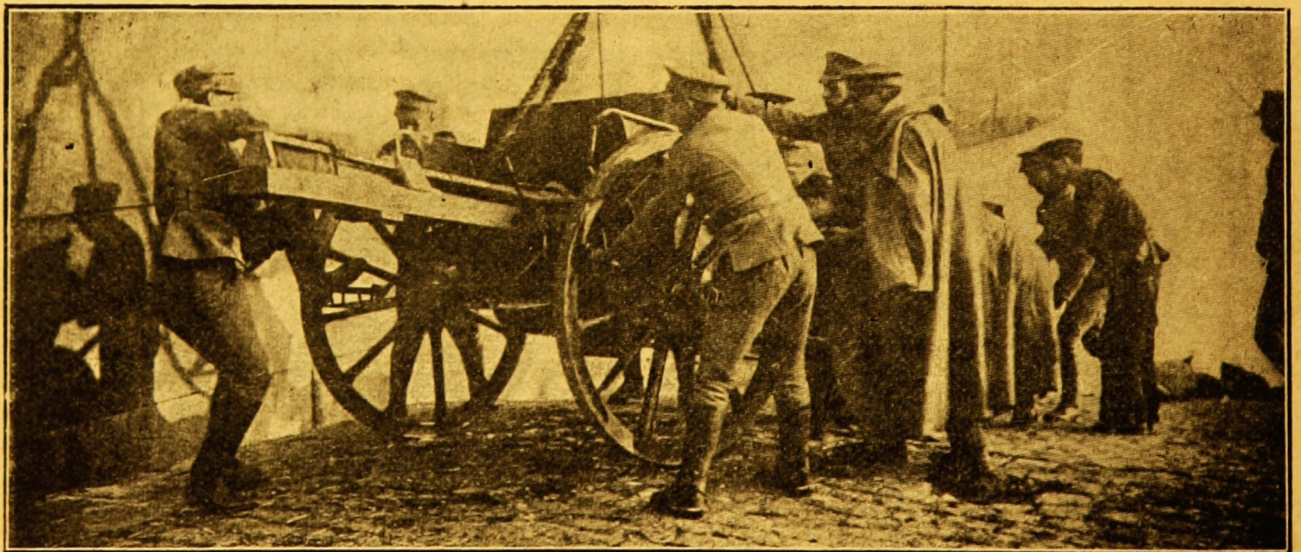
Canhões, e torre giratória do «Indomitable»

PORTUGUEZES
NA
GUERRA



*Amadeu Augusto da Silva, do Batalhão
de Sapadores de Caminhos de Ferro*

*O Rev. Conego José
Manuel de Sousa, Abbade
de Gemezes, hoje
capellão militar.*



Desembarque de material

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Contra riscos de guerra terrestres
e marítimos, grêves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º—BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quae quer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA